

MITOS FAMILIARES.

A teoria sistêmica e, principalmente a psicoterapia de abordagem sistêmica, tem recorrido à mitologia enquanto recurso técnico que favorece a mudança de padrões de comunicação dentro do sistema, e que pode ajudar a romper com a sua homeostase e contribuir para uma mudança de segunda ordem. A importância de discutir este tema em uma sessão coordenada, na 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, se justifica por oferecer diversas possibilidades de explorar a utilização dos mitos, no consultório, na pesquisa e em sala de aula, como recurso de compreensão e aproximação do indivíduo, da família e da sociedade em que vivem.

MITOS FAMILIARES: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA SISTÊMICA. *Ceneide Maria de Oliveira Cervený (Professora Doutora do programa de pós-graduação em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

Os mitos são narrativas populares ou literárias que traduzem acontecimentos históricos - reais ou fantasiosos - que podem revelar complexos individuais ou determinados padrões, nos quais se estruturam as relações familiares. Dos mitos gregos e universais às mitologias constituídas a partir da cultura contemporânea, os mitos revelam as crenças de um povo numa determinada época. Contudo, alguns mitos sobrepõem à temporalidade resistindo às mudanças culturais ao longo do tempo. Buscam explicar uma variedade de temas importantes para a humanidade, desde a origem do universo até as relações humanas em seus mais diversos contextos. São transmitidos de geração a geração por meio da convivência familiar e social, e também por meio da literatura. Sua importância para a Psicologia dar-se à medida que os mitos são utilizados como recurso terapêutico ou de compreensão do indivíduo, da família e de grupos sociais. Para compor esta sessão coordenada foram selecionados cinco trabalhos que abordam o tema “Mitos Familiares” por diferentes perspectivas. Destes, quatro foram produzidos por alunos do programa de mestrado e doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na disciplina ‘Família Mitos e Crenças’, sob minha coordenação. Um trabalho foi produzido por uma professora doutora da Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com aluna e ex-aluna da instituição. Todos os trabalhos utilizaram métodos qualitativos. O primeiro trabalho aborda os mitos relacionados a famílias de casais do mesmo sexo pela perspectiva de estudantes de psicologia. O segundo trabalho aborda os mitos conjugais a partir do imaginário do brasileiro, considerando ditos populares como um equivalente aos mitos na cultura brasileira. O terceiro trabalho aborda o mito associado à teoria de Ciclo Vital e mostra o mito grego “Faetonte e o carro do sol” como uma metáfora para a fase de transição para a vida adulta no contexto das relações familiares. O quarto trabalho apresenta o tema mitos da parentalidade e discute como esses mitos permeiam as relações pais e filhos, sob o ponto de vista da teoria sistêmica. A última pesquisa relacionada nesta sessão coordenada aborda os mitos do envelhecimento a partir da visão cinematográfica e como questões ligadas à velhice e ao envelhecimento têm sido abordadas pela indústria do entretenimento.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Mitos, família, teoria sistêmica

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

MITOS E FAMÍLIAS DE CASAIS DO MESMO SEXO: O QUE PENSAM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA.

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, Doutora pela Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha), *Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira*** (Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco), *Gilclécia Oliveira Lourenço*** (Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco)

Neste trabalho investigamos o que alunos de Psicologia dos dois últimos períodos do curso pensam a respeito das famílias constituídas por casais do mesmo sexo com ou sem filhos e como avaliam a ação do psicólogo junto a esta população. Foram entrevistados dez alunos de Psicologia, de ambos os sexos, de uma Universidade de Pernambuco, que estavam cursando as disciplinas de pré-estágio ou de estágio. Não foram levados em consideração a idade dos participantes, nem o nível sócio econômico, apesar de que a maioria pertencia ao padrão socioeconômico médio. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente e submetidas à Análise de Conteúdo Temática. Da análise emergiram os seguintes temas: Da categorização social à representação que alunos de psicologia têm acerca da homossexualidade; Como os alunos de psicologia compreendem as famílias constituídas por casais do mesmo sexo; A compreensão do estudante de psicologia acerca da ação clínica junto a pessoas que vivenciam relações homoafetivas. De um modo geral, é possível observar que os discursos destes estudantes, assim como o da sociedade, ainda são permeados pela concepção heteronormativa, herdado da sociedade burguesa do século XVIII, que atribui um caráter de normatividade as relações entre homens e mulheres e exclui qualquer outra possibilidade de expressão e vivência da sexualidade. Nesta direção, seus discursos acabam por revelar muitos dos mitos encontrados na sociedade contemporânea no que diz respeito às relações homoafetivas e as famílias constituídas por um casal do mesmo sexo. A homossexualidade passa a ser “aceita”, todavia é compreendida como um desvio da norma e como resultado das mudanças dos valores sociais advindos do declínio do patriarcado. Eles partem de um referencial do sexo afinado a concepção binária, dividindo-o em dois – masculino e feminino – que seriam opostos e complementares. Alguns compreendem a homossexualidade como derivante da essência do sujeito e outros, apesar de não concordarem, reconhecem que para a sociedade tal orientação sexual ainda é vista como uma doença. Concepções que podem estar associadas ao discurso médico do século XIX, que patologizou a homossexualidade e, ainda hoje, presentes no imaginário social, também aparecem em seus discursos. No que diz as famílias constituídas por dois homens ou duas mulheres, destacam que parte da população não reconhecer tal possibilidade de ser família, o que acaba por corroborar a naturalização da família nuclear burguesa. Aceitam a possibilidade de pessoas do mesmo sexo vivenciarem relações conjugais, mas questionam a “capacidade” destes de exercerem a parentalidade. Destacam: a possibilidade das crianças pertencentes a estas famílias serem focos da rejeição social; a ideia de que estas crianças podem ter conflitos referenciais e identificatórios com o masculino e/ou feminino, visto que são criados por dois homens ou duas mulheres; a preocupação pelo fato destas crianças virem a ter sua orientação sexual voltada para pessoas do mesmo sexo. No que diz respeito à ação clínica, destacam a necessidade de se manter a neutralidade, apesar de reconhecerem que isto não implica em abandonar e/ou negar seus valores sociais e suas concepções.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Família, filhos de casais do mesmo sexo, mitos

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

MITOS CONJUGAIS NO IMAGINÁRIO DO BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Anna Silvia Rosal de Rosal** (Docente e pesquisadora da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP), Ceneide Maria de Oliveira Cervený (Professora do programa de Pós-graduação em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP), Elana Costa Ramiro** (Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP), Ida Kublikowsk (Professora do programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP), Rachel Lilienfeld Aragão** (Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

O mito traduz a crença em relação a diversos assuntos do imaginário das pessoas. Envolve uma linguagem simplificada e repleta de simbologia a respeito de questões mais complexas, como, por exemplo, o casamento. De acordo com Bagarozzi & Anderson (1996), a criação do mito conjugal se dá na junção das mitologias pessoais do casal na primeira etapa do relacionamento. Os indivíduos buscam unir-se a pessoas que se comportam de acordo com seus ideais internos. Este trabalho tem como objetivo compreender os mitos conjugais presentes no imaginário do brasileiro e que são revelados por meio de ditos populares, importante traço da cultura brasileira. A curiosidade em relação ao tema foi despertada durante a disciplina “Família: mitos e crenças”, no curso de mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministrada pela Prof. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený. Optamos pela pesquisa qualitativa exploratória como a primeira etapa de uma pesquisa mais ampla a ser realizada futuramente. Para Piovesan e Temporini (1995), a pesquisa exploratória é um estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de pesquisa à realidade que se busca conhecer. Formou-se uma amostra de conveniência, a partir das redes de contatos das pesquisadoras. Foram enviados 337 e-mails, com duas perguntas disparadoras, solicitando aos participantes que indicassem ditos populares sobre o casamento. Nos três dias seguintes ao envio das mensagens, foram recebidas 77 respostas, indicando 136 mitos conjugais. A amostra foi composta por 52 pessoas do sexo feminino e 25 do sexo masculino, distribuídas na faixa etária de 24-70 anos, sendo 54 casados, 14 solteiros, 4 em união estável, 3 divorciados, 1 separado e 1 viúvo. Do ponto de vista geográfico, os sujeitos estão distribuídos nas regiões sudeste, nordeste, centro-oeste e dois brasileiros morando fora do país. Os dados foram agrupados em seis categorias, colocadas aqui pela frequência que apareceram: 1) mitos que retratam o comportamento da pessoa casada; 2) mitos que associam o casamento a algo negativo; 3) mitos relacionados à incerteza no casamento; 4) mitos que indicam cumplicidade; 5) mitos que associam o casamento a algo positivo e 6) mitos folclóricos. A análise das respostas aponta para a existência de expectativas relacionadas ao casamento, associando-o a determinados padrões e restrições de condutas. Tais condutas são entendidas como algo negativo sendo justificadas pela implicação da perda de liberdade após o matrimônio. Os mitos citados indicaram ainda significativa incidência da associação do casamento a incertezas. Os mitos relacionados à cumplicidade e a aspectos positivos se mostraram menos presentes no imaginário dos participantes da pesquisa. Vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que os participantes indicavam mitos, alguns se colocavam contrários a eles.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Mito, casamento, imaginário do brasileiro

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

MITO E CICLO VITAL. *Clarissa Magalhães Rodrigues** (Doutoranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Camila Carraschoza Vasco** (Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Ceneide Maria de Oliveira Cervený (Professora Doutora do programa de pós-graduação em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Karoline Costa e Silva** (Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

Este trabalho foi desenvolvido com base em uma pesquisa teórica realizada no contexto da disciplina Mitos e Crenças, oferecida pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e ministrada pela Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený. Trata-se de um conteúdo elaborado à luz da Psicologia Sistêmica, que concebe a construção do indivíduo de uma perspectiva relacional, tendo como referência a família, tanto em sua dinâmica quanto em sua estrutura. Como subsídio epistemológico, o Pensamento Sistêmico inscrito na pós-modernidade e sustentado pelas ideias de complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Em um diálogo com a causalidade linear positivista, o Pensamento Sistêmico propõe uma visão dos fenômenos humanos como multideterminados, encontrando-se os elementos deles participantes em um diálogo recursivo, do qual emergem realidades co-construídas por meio da linguagem e legitimadas pelo consenso. Em lugar de uma realidade existente a priori e que aí está para ser descoberta, excluindo outras possibilidades de concepção do real, admite-se a convivência entre realidades, o que abre caminho para a interdisciplinaridade e justifica o diálogo entre as construções míticas e a Psicologia. Os mitos são aqui concebidos como construções culturais simbólicas capazes de representar o vivido, sobretudo no que diz respeito às regularidades verificadas no ciclo vital da família e do indivíduo; promovem ressonâncias/identificações que, se colocadas no foco do processo terapêutico, podem ser trabalhadas, possibilitando aos mitos utilizados operar como recursos para a transformação individual. Para a sessão coordenada, optamos por apresentar um caso em que foi utilizado o mito grego “Faetonte e o carro do sol”, que abrange o tema da transição para a vida adulta no contexto das relações familiares, sobretudo no que concerne às noções de posição e poder, lugar no mundo, interações parento-filiais e ressignificação da parentalidade. Em atendimentos individuais ou de família, a técnica para a utilização do mito como recurso terapêutico consiste em lê-lo para os(as) pacientes e, em seguida, introduzir perguntas que lhes permitam refletir sobre os comportamentos dos personagens. Ao longo do exercício de reflexão, espera-se que se revelem projeções ou, a depender das habilidades psicológicas e cognitivas dos(as) pacientes, promova-se diretamente o insight. Caso este não ocorra de pronto, propõe-se renomear os personagens com os nomes dos pacientes, a fim de viabilizá-lo. Obviamente, para que o uso dos mitos como recurso terapêutico revele êxito, é necessário que haja um paralelo entre a construção mítica escolhida e o caso em atendimento, a fim de que as ressonâncias, e posteriormente os insights, se façam possíveis.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Mito, intervenção clínica, ciclo vital

MITOS DA PARENTALIDADE. Ana Claudia Oliveira Salles ** (*Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP*)
Ceneide Maria de Oliveira Cervený (Professora Doutora do programa de pós-graduação em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)
Renata Marques Silva ** (*Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP*)

O objetivo deste trabalho é apresentar o tema “Mitos da Parentalidade” e pensar sobre como esses mitos permeiam as relações de pais e filhos, sob o ponto de vista da teoria sistêmica. Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa teórica, onde foi possível perceber que no Brasil há poucos materiais que abordam esse tema. O mito é transgeracional e para que seja considerado um mito familiar é necessário que seja compartilhado por seus membros familiares. Alguns autores afirmam que os mitos familiares começam após o nascimento do primeiro filho do casal, tal qual, cada cônjuge chega à relação conjugal com seus mitos pessoais trazidos de suas famílias, na formação do novo casal, começam a construção dos mitos conjugais e com a chegada do primeiro filho se dá início a construção dos mitos familiares. Cada cônjuge tem uma representação cognitiva do ideal para cada filho que nasce dentro do sistema familiar. A percepção que se tem de cada filho depende de diversos fatores. Como por exemplo, o sexo do filho, o aspecto físico, a ordem de nascimento, os sonhos, as esperanças, aspirações e conflitos pessoais dos pais. Todos esses fatores influenciam para construção do filho ideal para cada filho que nasce dentro do sistema familiar. Assim como o cônjuge ideal, o filho e filhos ideais são imagens cognitivas que tem dimensões conscientes e inconscientes. A identificação, a projeção, a idealização, a identificação projetiva e transferência intervêm para determinar as qualidades que terá cada filho ideal. Cônjuge ideal, casamento ideal, filho ideal e família ideal, na relação se convertem em temas centrais de mitologia familiar, à medida que vai incorporando os filhos ao sistema. Certos conflitos não resolvidos procedentes das mitologias pessoais dos pais acabam sendo reativos quando o filho fortemente identificado com um dos pais, ou com o que tem uma relação de transferência, aborda e começa a enfrentar as tarefas evolutivas que o próprio pai tem dificuldade de dominar. Dificilmente, os pais tenham construídos ideais idênticos ou similares para qualquer um de seus filhos, por tanto os conflitos são inevitáveis. Se os pais não resolverem suas diferenças enquanto suas expectativas em relação ao filho, este filho poderá ficar preso no meio da luta de poder de seus pais. Neste caso, o filho pode simbolizar diversas coisas. Talvez, represente um campo de batalha, ou simbolize o prêmio do pai que sai vitorioso. Em muitos casos, o filho faz uma aliança com um dos pais, procurando corresponder à expectativa deste que se aliou. A mudança deste funcionamento, o filho adquire poder e influencia o sistema familiar. Em outros casos, o filho funciona como árbitro ou pacificador em lutas entre os pais. Neste caso, os filhos frequentemente desenvolvem um sintoma psiquiátrico. Este sintoma cumpre a função de manter o equilíbrio intrapsíquico e interpessoal. Podendo também ser visto como uma metáfora dos conflitos e lutas dos pais.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Mito, Parentalidade, Família

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

OS MITOS DO ENVELHECIMENTO E O CINEMA. *Sônia Azevedo Menezes Prata Silva Fuentes** (Doutoranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Alessandra Focosi** (Mestranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Divina de Fátima dos Santos** (Doutoranda do programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP) Ceneide Maria de Oliveira Cervený (Professora Doutora do programa de pós-graduação em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

A pesquisa em pauta refere-se ao estudo dos mitos do envelhecimento na atualidade. Trata-se de um estudo qualitativo, baseado na visão cinematográfica e na forma como muitas questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento têm sido abordadas pela indústria do entretenimento, reforçando ou provocando novas reflexões acerca de alguns mitos muito presentes em nossa cultura. No passado, ser velho era estar à mercê do vazio do tempo, um tempo em que o idoso aposentado do trabalho, se aposentava igualmente da vida. Nosso “viver a velhice” não pode estar condicionado a este corte destrutivo e abrupto da vida, da vida alimentada por um imaginário social negativo da velhice. É preciso desconstruir os mitos negativos que rondam a velhice e o velho, e ter um novo olhar acerca desta etapa da vida neste momento em que o panorama demográfico vem mudando consideravelmente. Segundo dados do IBGE (2010), a média de vida na década de 1940, que era de 44,5 anos, quase dobrou, e a expectativa é que aumente ainda mais, provando que a longevidade humana já não é mais trunfo de alguns poucos. Os resultados parciais indicam a necessidade de romper com crenças, preconceitos e mitos negativos que estão arraigados na sociedade. Algumas falas comuns sobre nossos antepassados – “velho é sábio” ou “velho é experiente” – são exemplos de como o respeito ao velho se impunha. Os tempos mudaram, e agora, na contemporaneidade, não identificamos uma única ideia a qual podemos relacionar ao novo velho. Pelo contrário, assim como há uma diversidade enorme de se viver a velhice, as visões sobre ela se multiplicam e se modificam. Desde crenças como “velho nada produz”, “velho é frágil e doente”, “velho é careta”, “velho é rabugento e ranzinza”, “velho é mal cheiroso” até a ideia de que “velho é superior”, nos deparamos com tantos modelos de velhice quanto os modos de vivê-la. A heterogeneidade vigora. A própria palavra “velho” vem caindo em desuso. Não somos nem seremos mais velhos, somos idosos. Goldfarb (1998) já apontava o desaparecimento do substantivo “velho”. Há um fotoshop na caligrafia, como diz a jornalista Eliane Brum (2013) e, ser velho não é mais permitido. Vivemos uma era de corpolatria: uma incansável busca pelo corpo ideal e perfeito e pela juventude eterna, como Narciso que acabou aprisionado e enamorado pela sua beleza juvenil. É proibido ser feio, enrugado e decadente. Neste estudo, levantamos questões e propomos reflexões por meio de alguns filmes que são analisados, sob o ponto de vista de como cada pessoa deseja envelhecer e da necessidade de aceitar a própria condição de um corpo que envelhece e que se modifica ao longo dos tempos. Ao mesmo tempo, propomos uma celebração da velhice, para que não nos encapsulemos numa estéril e irreal vida repleta apenas de narcisos solitários e plastificados.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Mito, envelhecimento, idoso

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade